

## O Oportunismo de Montaigne

[Airan Maria da Silva Lima](#)\*

### Resumo

O fideísmo e o ceticismo de Montaigne constituem ainda uma discussão presente, visto que ele tenha sido o responsável pela retomada do ceticismo na modernidade. Neste trabalho retomaremos estas duas linhas de pensamento. Na *Apologia* de Raimond Sebond essa discussão se dá em um momento importante da história, ou seja, o da Reforma Protestante. Se no pensamento de Montaigne predominou o ceticismo, o fideísmo ou outra linha de pensamento, só uma investigação mais minuciosa poderá responder.

**Palavras – chave:** Montaigne, ceticismo, Reforma Protestante e fideísmo.

### Abstract

Montaigne's fideism and skepticism are still considered under discussion since he was responsible for the retaking of skepticism and modernity. This work aims at retaking the two thoughts. In Raimond Sebond's apology, this discussion occurs in a very important moment of history, the Protestant Reform. Thus, only a detailed investigation on whether skepticism, fideism or other ideas were predominant in Montaigne's thought will be necessary to answer that question.

**Key words:** Montaigne, skepticism, Protestant Reform, fideism.

---

### Introdução

Michel de Montaigne foi um filósofo da Renascença, ainda que ao escrever os seus Ensaios não se julgasse um filósofo. Simplesmente escrevia aquilo que pensava resultante de seus estudos e de suas próprias experiências e das experiências vividas por outros. Seus ensaios não mostravam métodos, mas uma irreverência e um modo de escrever muitas vezes bem humorado, mas que atraíam a atenção de seus leitores e amigos como ele mesmo demonstra:

Uma palavra acerca desse gênero epistolar em que meus amigos julgam que eu poderia alcançar algum êxito e que de bom grado teria escolhido para publicar meus devaneios se soubesse a quem endereçar as cartas. Para tanto fora preciso que tivesse hoje, como tinha outrora, uma pessoa<sup>1</sup> com a qual mantivesse relações contínuas, que me agradassem, me

---

\* Acadêmica do terceiro ano de Filosofia da Universidade Estadual de Maringá.

<sup>1</sup> “Montaigne referia-se a seu amigo La Boétie que havia falecido, cuja ausência fazia-lhe tal falta que, influenciava a sua escrita”. Diz Montaigne: “Na amizade de que falo, conhecimento e familiaridade se misturam e se confundem mutuamente, em uma mescla tão universal que se desfaz e não mais se encontra a costura que as uniu. Se insistirem para que diga por que o amava, sinto que isso só se pode exprimir respondendo: porque era ele, porque sou eu”. (*Ensaio*, I, XXVIII, 98)

animassem e me inspirassem. Pois raciocinar ao léo como fazem outros, só o faria em sonho. (MONTAIGNE, 1972, p.126)

Ora, Montaigne não costumava falar aquilo que não pensava, talvez por isto as suas epístolas se diferenciavam das do seu tempo, que eram com tantas cerimônias e delongas, que acabavam por chatear Montaigne e por isso se abstinha de tal modo de escrita, “aborreço-me parecer adulador, e como tenho naturalmente a expressão concisa, direta, sem adornos, considera-me algo desdenhoso quem não me conhece por outros aspectos”. (MONTAIGNE, 1972, P. 126) Segundo Luiz Costa Lima:

A morte de La Boétie o deixara sem interlocutor; o desdém pela cultura da glória mais o distanciava da prática epistolar; a necessidade, porém, de escrever o punha à procura de uma forma. Mas escrever o que, para quem, para quê? O que tinha a exprimir não era doutrina, o destinatário era anônimo, se é que existente, a finalidade que perseguiria só poderia ser a do testemunho. (LIMA, 1993, P. 85)

Em seus Ensaios é tocante a forma de seus argumentos, no qual, ao mesmo tempo em que demonstra um desenrolar de um problema apresenta um argumento contrário. Prova disso são os diversos exemplos que utilizava, tirados de histórias e experiências não importando a época que aconteceram. Montaigne cita um exemplo na qual a comiseração ou a valentia pode ter um mesmo resultado:

A maneira mais comum de amolecer o coração dos que nos ofendem, quando, vingança em mãos, eles nos têm à sua mercê, é comovê-los pela nossa submissão, inspirando-lhes comiseração e piedade. Entretanto a bravura, a tenacidade e a resolução são meios inteiramente opostos alcançam às vezes idêntico resultado. (MONTAIGNE, 1972, P. 13)

O que Montaigne queria provar é que por diversos meios chega-se ao mesmo fim. Portanto, as circunstâncias podem levar aos resultados mais diversos, desde que se saiba aproveitar as oportunidades que surgem, podemos perceber aqui um certo relativismo da parte de Montaigne. E colocando em pauta a sua expressão pode-se perceber facilmente que a maioria das vezes que ele escreve sobre determinado assunto, deixa um fio condutor que pretende levar o seu leitor a algum outro extremo, deixando transparecer que ele quis dizer algo mais do que se propôs, e que, de certo modo, ele quer chegar a uma outra explicação daquilo que ele sugeriu.

Assim, também, mostra como que a vivência de uma situação dolorosa possa ser suportada de forma mais amena, dando um exemplo de um homem que, sendo conduzido para a morte por seu carrasco, disse: “que não lhe bulisse no pescoço, pois era muito coceguento e poderia ter um acesso de riso”. (MONTAIGNE, 1972, P. 34) Com muita irreverência, segundo Montaigne, o bem e o mal só o são, pela idéia que deles temos. Não parece que ele quisesse viver como um estóico, apenas em algumas situações seria oportuno um pouco de indiferença.

Montaigne não se julgue versado no estudo da natureza humana, contudo, nos Ensaios é patente o seu interesse pelo comportamento humano nas eventualidades da vida. Talvez para comparar as reações alheias com as suas próprias reações e daí tirar as suas conclusões. Ou, rememorando as experiências que vivenciou o levassem a entender o comportamento dos outros em determinadas situações. Talvez, essa observação também o conduzisse a julgar de acordo com seu próprio crivo as situações adversas que ocorriam em seu país naquela época.

Analogicamente Montaigne igualava-se a um fiel de uma “balança” ao balancear o peso dos argumentos, ao apresentar os dois lados das questões evidenciando os seus opostos. Será que essa forma de escrever seria uma evidência de um suposto ceticismo como aponta Luiz Antônio Aves Eva quando diz haver um certo paralelismo da obra de Montaigne e o ceticismo pirrônico? Poderemos ter a resposta mais adiante.

Montaigne mostra em sua obra uma certa divisão do homem particular e do homem público, talvez por ter sido um homem envolvido algum tempo com a política como profissão, acreditava que um homem deveria ser obediente ao seu rei às leis de seu país e buscar uma conduta honesta. Quanto à religião, embora filho de mãe judia, e tendo vivido na época da Reforma protestante, superou as dúvidas e optou pela permanência na tradição, ou seja, a religião católica, o que não lhe impediu de algumas vezes criticar alguns exageros praticados pela igreja e seus fiéis, e de escrever sobre assuntos variados, além de ser um apreciador dos escritos céticos de Sexto Empírico, o que parecia lhe dar prazer.

Nos Ensaios é comum perceber o seu gosto por outros escritores como Cícero, Ovídio e principalmente Sêneca. Além de fazer inúmeras menções de experiências que vivenciou, que leu, que observou e que ouviu de outros, ele não deixou muito evidente qual a sua linha de pensamento, pois com a destreza com que escrevia ficava claro o seu grande interesse por leituras variadas que lhe acumulasse certos saberes filosóficos, religiosos, e assuntos gerais, se ele se portava como um estóico, cético ou epicurista ou fideísta, dependia pelo que me parece, da necessidade do momento.

Quem pesquisa os seus Ensaios tem a impressão que ele tenha vivido essas linhas filosóficas em diversas etapas de sua vida e saboreado um pouco de cada, como que procurando não um pensamento que pudesse seguir unicamente, mas para elaborar a sua própria linha de pensamento, livre de amarras, é como buscar conhecer muitos caminhos a fim de encontrar inspiração para fazer a sua própria estrada.

A sua forma de escrever é o que leva os leitores de sua obra a ficarem com um certo dilema de qual tenha sido as influências de seus Ensaios principalmente na *Apologia de Raimond Sebond*, e é nesse tema que irei ater-me e aprofundar.

A *Apologia de Raimond Sebond* trata da obra de um teólogo que escreveu um livro intitulado: *Teologia Natural ou Livro das Criaturas*, na qual o autor afirmava que todos os artigos de fé poderiam ser comprovados racionalmente, foi uma obra que pretendia defender os artigos de fé contra os ateus. Contra essa obra se levantaram várias objeções, tanto dos teólogos quanto dos ateus. Segundo Montaigne, o objetivo de Sebond foi ousado e corajoso, pois, se propôs a provar contra os ateus, todos os artigos de fé da religião cristã, baseando-se na razão humana e natural. Porém os próprios teólogos dirigiram objeções a sua argumentação.

Por algum motivo, ainda não evidente, Montaigne se lança em defesa de Sebond, entretanto a sua defesa é um tanto irreverente como é comum em seu modo de escrever, pois, quem se aventura a lê-la verifica que em várias passagens não é claro se ele está defendendo, refutando, ou apenas se divertindo às custas de Sebond e de seus objetores enquanto põe em evidência a sua própria opinião. Ora, alguns comentadores se aventuraram a tentar compreender se Montaigne era um fideísta, ou se era um cético, isto é, ao mesmo tempo, que defendia a fé com armas teológicas, refutava os ateus com armas racionais, de modo naturalista e um tanto irônico utilizando argumentos religiosos e céticos.

A sua mescla de tradição e ceticismo fazem a *Apologia de Raimond Sebond* uma leitura problemática e ao mesmo tempo instigante, já que mostra um Montaigne livre de amarras externas, ou seja, um filósofo (impensado e fortuito) (EVA, 2001, 9) que não estava preso a nenhum método que pudesse lhe tirar a liberdade de escrever aquilo que apreciava.

Uma hipótese do que Montaigne procurava enquanto ser racional com livre arbítrio, e enquanto dialogava consigo mesmo, na época que abandonou a política e exilou-se em seu castelo, fosse, quem sabe, encontrar um caminho o qual ele pudesse seguir em “si mesmo”.

Com o intuito de melhor conhecer o pensamento de Michel de Montaigne, neste trabalho eu me proponho a pesquisar e apresentar qual tenha sido o motivo que levou Montaigne a

escrever a *Apologia de Raimond Sebond*. Hipoteticamente Montaigne parecia ser um indivíduo oportunista, não de uma forma negativa, mas, que não perdia oportunidades de defender aquilo que acreditava:

*A primeira hipótese*: por ser um fideísta quis defender a fé e conseqüentemente a tradição católica.

*Segunda hipótese*: por ser um simpatizante do ceticismo aproveitou os argumentos para embasar as suas opiniões contra os ateus.

*Terceira hipótese*: para defender e apresentar as suas próprias idéias, talvez não por ser cético, ou tão pouco fideísta, mas, um defensor de sua própria razão.

Agora se faz oportuno falarmos da *Apologia de Raimond Sebond*, visto que é sobre o assunto que versa o presente trabalho.

Michel de Montaigne morava em um castelo da família e seu pai era constantemente visitado por homens de ciências. O primeiro contato, que Montaigne teve com a obra de Sebond foi um exemplar que chegou pelas mãos de um douto chamado Pierre Buñuel que presenteou o pai de Montaigne. Ironicamente Montaigne falou que a obra era escrita em espanhol com algumas terminações latinas. Ora, era interessante notar que esse episódio aconteceu bem na época que ocorria a Reforma protestante, encabeçada por Martim Lutero, que renunciando à fé católica forçou uma divisão da igreja, motivada por seu descontentamento com os dogmas católicos e por causa das vendas de indulgências que eram muito comuns naquela época.

Acreditava Pierre Buñuel que aquela obra de Sebond pudesse ser útil naqueles momentos de transição por que passava a fé, afinal a Reforma, como uma doença, se alastrava por muitos países, e temia Buñuel que o vulgo por não “ser capaz de julgar as coisas em si”, se ativessem nas aparências e terminassem por desembocar em ateísmo. Montaigne tinha uma certa concepção a respeito, por saber que alguns, ao ter as suas crenças colocadas em dúvida por algum novo idealismo, eram levados pela incerteza, e não demorariam, como disse Lucrécio, a “calcar aos pés de bom grado aquilo que mais veneram”, por mostrar-se precavido a essas abordagens do mundo Montaigne se decidira “desde logo não mais aceitar o que não tenha antes examinado e aprovado”. (MONTAIGNE, 1972, P. 209)

A afirmação anterior parece evidenciar que Montaigne tenha examinado os problemas da religião em seu tempo e chegado à decisão de continuar na tradição católica, por não querer se levar por qualquer argumento não bem fundamentado.

Algum tempo depois, atendendo ao pedido de seu pai, traduziu a obra *Teologia Natural* para o francês e depois a imprimiu, a partir desse episódio levantaram-se objeções à obra de Sebond.

Dizendo que para ser útil a algumas senhoras que se atinham a ler tal obra e temendo que as objeções contra a obra pudessem fazer com que tais senhoras ficassem em dúvida, Montaigne se propôs a defender as idéias do autor. Ao primeiro exame disse: “Achei belas as idéias do autor, sólida a estrutura da obra e piedosa a sua inspiração”.(MONTAIGNE, 1972, P. 209)

Montaigne se referia assim à obra pela ousadia do autor em “estabelecer e provar, contra os ateus, todos os artigos de fé da religião cristã, baseando-se unicamente em razões humanas e naturais” sabendo-se tão pouco desse escritor, apenas que era espanhol e médico e que vivera há duzentos anos atrás, Montaigne admirava-o por sua ousadia e o julgava “firme e brilhante” por tão bela obra.

As principais objeções contra a obra são duas e estas dividem a *Apologia* em duas etapas. A primeira é a refutação contra os teólogos e a segunda contra os ateus por ambos discordarem das idéias de Sebond.

Quanto ao primeiro tópico refere-se à objeção diferida pelos teólogos de que não há como “sustentar com argumentos puramente humanos uma crença que só se concebe pela fé e por intervenção particular da graça divina”.(Montaigne, 1972, P. 209) Quanto ao segundo tópico refere-se à objeção diferida pelos ateus de que “seus argumentos são fracos, insuficientes para provar o que desejam provar e facilmente refutáveis”. (MONTAIGNE, 1972, P. 213)

### **Refutação aos teólogos**

Parece-me que tal objeção provém de uma exagerada piedade, por isso mesmo irei refutá-la com tanto maior delicadeza e respeito. (MONTAIGNE, 1972, P. 209)

Embora Montaigne não se julgasse versado na teologia, não se intimidava com isso e contando com o auxílio e favor de Deus começa a sua exposição. Montaigne parecia ser um fideísta<sup>2</sup> ou seja, acreditava que a fé a si se basta, mas não ignorava as tentativas humanas de tentar prová-la racionalmente, contudo acreditava também que em assunto tão divino e este superava a inteligência humana, só a bondade de Deus poderia iluminar para o entendimento de tais verdades, ao que diz:

Abandonados unicamente a nossa inteligência, não seremos capazes, pois, se assim não fosse, muitos espíritos superiores e privilegiados como os que floresceram nos séculos passados teriam chegado à fé por intermédio da razão. (referia-se aos filósofos como Platão e outros que viveram na antiguidade) (Montaigne, 1972, P. 209)

O fideísmo de Montaigne levava-o a acreditar que somente com uma intervenção divina mediada pela fé, é que seria possível a revelação dos inefáveis mistérios da religião e suas verdades. Entretanto usar as faculdades que Deus concebeu aos homens para investigar era uma atitude digna que poderia levar o homem a ampliar os alicerces de suas crenças. Apesar disto não se abstinha de exortar aos homens de investigação a que não se deixassem levar e cair na cilada da vaidade e ousar pensar que era o próprio homem, que por sua razão fosse capaz de adquirir ciência do sobrenatural, pois essa ciência só seria possível mediante a bondade e a intervenção divina.

Em vários momentos Montaigne utiliza-se de argumentos ardorosos e firmes, na defesa contra os teólogos que deixa por instantes transparecer ou a fé que de fato tinha, ou o desejo de tê-la e alcançar a união sobrenatural com Deus para obter as respostas que alvejava nos artigos de fé:

Se estivéssemos unidos a Deus por uma fé ardente, se a Ele nos prendêssemos por Ele próprio e não por nós, se nossa fé assentasse em fundamento divino, as tentações humanas não teriam o poder de nos abalar como têm; resistiríamos sem dificuldade a tão fracos assaltos.(MONTAIGNE, 1972, P. 210)

Montaigne parece querer mostrar que uma união pura com Deus poderia levar o homem a manter a tranquilidade de espírito, não se deixando aborrecer por opiniões fortuitas, por idéias políticas, ou mundanas, ou religiosas que surgem constantemente com o objetivo de abalar as nossas crenças mais firmes, parece até estar fazendo assim uma insinuação, embora suave aos reformistas e seus discursos retóricos, que terminariam por levar os homens frágeis e vulneráveis, a desvirtuar as crenças que sustentam a fé.

---

<sup>2</sup> “Posição religiosa que indica, em geral, quaisquer atitudes que considerem a fé como instrumento de conhecimento superior à razão e independente dela”.(ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia)

Apesar de professar a religião católica como foi dito anteriormente, Montaigne não se intimidava em criticar aquilo que observava ser exagero ou falta de zelo na religião. Estudando as seitas religiosas, ele encontrava argumentos para criticar certos comportamentos ou atitudes de seus irmãos de fé, e a isso inferia sem comiseração alguma: “Deveríamos envergonhar-nos. O adepto de qualquer seita humana, por estranha que seja, a ela adapta rigorosamente sua conduta, e nós outros cristãos só nos unimos à nossa divina doutrina por palavras”. (MONTAIGNE, 1972, P. 210)

Montaigne parece referir-se àqueles católicos que o são apenas por tradição não seguindo realmente a doutrina religiosa, o interessante é que ele se incluía nesse meio de cristãos, quem sabe por ele ser como eles, ou por desejar ser da forma que ele escrevera anteriormente: unido a Deus fervorosamente, e continua:

Quereis a prova? Comparai nossos costumes aos dos maometanos e pagãos e vede quanto os nossos são inferiores, mesmo quando devido à superioridade de nossa religião deveríamos brilhar extraordinariamente. Cumpriríamos que dissessem: são justos, caridosos, bons, logo devem ser cristãos. (Montaigne, 1972, P. 210)

De modo genérico as outras virtudes religiosas como a esperança, a confiança, as cerimônias e ritos para fortalecer a fé são comuns nas outras seitas religiosas até a existência de mártires. O autor dos Ensaios não se intimida, enquanto supostamente defende Sebond, também aponta as falhas que observa naqueles que se dizem cristãos fervorosos, mas que fazem isso apenas por conveniência. “Ora, uns se engenam em fazer crer que crêm; outros a maioria persuadem-se a si próprios e não sabem o que seja crer”. (MONTAIGNE, 1972, P. 210)

Assim expele uma poderosa crítica aos cristãos de tradição e aos ignorantes de sua fé, que se encontravam indecisos quanto à religião, mas usando de máscaras diziam-se defensores da fé. Afirmavam isso apenas com os lábios, o que era comum na defesa de qualquer advogado. Esses cristãos entram em uma luta séria, mas não possuem fundamentos religiosos que a sustentem, por pura ignorância. Esses se assemelham a soldados, que entram em uma batalha vulneráveis, a qualquer momento passar para o exército inimigo ou simplesmente desertar. Assevera Montaigne: “Ora, Deus deve Seu apoio extraordinário à fé e a religião e não a nossas paixões. E nessa luta são os homens que orientam. Para eles a religião é um meio, quando deveria ser um fim”.(MONTAIGNE, 1972, P. 210)

A hipótese que tenho é que Montaigne aproveitou-se da oportunidade que teve de defender Sebond para atacar os reformistas, talvez por julgar que eles não estavam lutando por causa de motivações religiosas, mas, por paixões pessoais e idealistas, isto é usando a bandeira de uma reforma religiosa como um meio para alcançar algum objetivo que não parecia ainda muito claro.

Tão direto e nem um pouco delicado como disse no início de sua defesa, Montaigne se mostra firmemente disposto a fazer o cristão olhar para si mesmo e para a bandeira que ostenta a fim de fazê-lo se decidir e assumir as suas atitudes e evitar que tais pessoas: “tome a religião como uma cera mole, a nossos caprichos, obrigando-a a assumir as formas que queremos, ao contrário disso convém que nossa opinião é que deve inspirar nossa conduta e regular nossa vida”.(Montaigne, 1972, P. 210)

Obviamente Montaigne era um observador da conduta humana, pois, percebia claramente a escassez de verdadeiros fiéis que permanecem firmes indiferentemente das vitórias ou fracassos, e que numerosos são os que “ora vão a pé, ora vão a galope”, insinuando nessa passagem “que a massa obedece a considerações pessoais e ocasionais, cuja diversidade a impulsiona”. (MONTAIGNE, 1972, P. 211) Assim a fé e a religião tornam-se um objeto de conveniência, sendo útil tão somente enquanto ela está submetida a nossas paixões.

Examinando profundamente a questão a que se propôs, ele apresentou uma efetiva análise do homem que se intitulava “cristão”:

Não há hostilidade mais eficaz que a dos cristãos. Nosso zelo é capaz de maravilhas quando secunda nossa inclinação natural para o ódio, a crueldade, a ambição, a avareza, a intriga, a rebeldia. Ao contrário, só por milagre ou temperamento especial, nada nos induz à bondade, à benevolência e à moderação. (MONTAIGNE, 1972, P. 211)

Montaigne aponta a tendência inata do homem para a maldade e a difícil tarefa do autodominação para o bem, a ponto de acreditar que isso só se daria através de um milagre, isto é, de uma intervenção divina. E entre esses dois pólos da natureza humana ficaria a igreja, para equilibrar, mas o que Montaigne aponta com sagacidade são as controvérsias da religião.

Nossa religião tem por objetivo extirpar os vícios; mas fazem com que os dissimule, os alimente e os incentive. É preciso não trapacear com Deus. Se acreditássemos Nele, não chego a dizer se tivéssemos fé – se tão somente acreditássemos n’Ele, e com vergonha o digo, se O tivéssemos em nós como um amigo, por exemplo, nós O amaríamos acima de tudo pela Sua infinita bondade, e pela beleza que n’Ele resplende. Ao menos ocuparia Ele o mesmo lugar que ocupa as riquezas, os prazeres, a glória, os companheiros. O melhor dentre nós, que receia magoar seu vizinho, seus parentes, seu mestre, não teme ultraja-lo. (MONTAIGNE, 1972, P. 211)

Montaigne observa que o homem pode até desejar ainda que remotamente despir-se dos vícios pela esperança de uma vida após a morte com Jesus, mas não consegue, às vezes por desdém, não consegue se quer renunciar a um vício que seja; nem pelas promessas de uma vida eterna. Então se entregam aos prazeres e ignoraram as promessas e os castigos futuros, mas como é comum na natureza do homem, basta que lhe ocorra algum perigo ou a hora da morte o espreite, que logo mudam suas convicções. (MONTAIGNE, 1972, P. 211) Montaigne não admite o aforismo<sup>3</sup> no verdadeiro cristão. Pois, essas regras só dizem respeito às religiões criadas pelos homens. Afinal essa atitude mostra tipo de fé, só se desenvolve em momentos de covardia não há nada de sadio nisso. Ora, assevera Montaigne: “Linda fé, a que existe somente porque não se tem mais a coragem de deixar de crer!”. (MONTAIGNE, 1972, P. 211) Citando Platão, Montaigne deixa claro o que pensa quando diz: “que pela razão ou pela força somos sempre levados a crer na existência de Deus”. (MONTAIGNE, 1972, P. 212)

Nesta primeira parte, a abordagem da defesa de Raimond Sebond contra as objeções dos teólogos; Montaigne aproveitou a oportunidade para criticar os teólogos por seu excesso de piedade, e os cristãos que por não terem uma fé firme e não se entregarem à bondade divina são presas fáceis de qualquer discurso retórico e que essas ações são um risco que pode levar muitos fiéis ao ateísmo, por isso aproveita para mostrar o erro dessa linha de pensamento nos parágrafos seguintes. Em uma segunda hipótese, parece usar da defesa de Sebond como subterfúgio para criticar a Reforma protestante, pois, assim as suas opiniões e argumentos poderiam ser úteis a muitos para que não se deixassem convencer, nem pela Reforma protestante e nem pela incredulidade.

### **Refutação aos ateus**

Montaigne fez muitas considerações a respeito do ateísmo por considerá-lo uma:

(...) concepção monstruosa e antinatural, e difícil de ser aceita pelo espírito humano, ainda que insolente e anárquico, embora se encontre que a ostente, seja por rebeldia, seja pela vaidade de emitir opiniões originais e reformadores, mas se esses ateus são bastante loucos para se dizerem ateus, não são suficientemente fortes para implantar tal convicção em sua consciência. (MONTAIGNE, 1972, P. 211)

---

<sup>3</sup> “Aforismo: proposição que exprime de maneira sucinta uma verdade, uma regra ou uma máxima concernentes à vida prática” (ABBAGNANO, Nicola).

É como se os ateus assumissem esta linha de pensamento apenas exteriormente e não conscientemente, pois, se a vida lhes dá uma estocada ao peito, logo clamam pelo o céu. Montaigne os julgava sem piedade como se fossem apenas loucos e desequilibrados que através do ateísmo buscavam ser piores do que as suas próprias forças os permitiam.

Antes de rebater os ateus fortemente, Montaigne quis, já de imediato, mostrar a possibilidade da existência de Deus, através das coisas que são percebidas por nossos sentidos. Ora, apontar as coisas existentes no mundo como uma prova da existência de Deus é uma forma a *posteriori* a qual Montaigne percebe a existência Deus, e utiliza-se deste mesmo argumento contra os ateus. Afinal se os ateus observassem as coisas do mundo compreenderiam que alguém as criou, e aquelas coisas que não tem explicação racional são as evidências de que um Deus existe e também as fez cada qual de seu modo. Entretanto se os ateus não as percebem, isso se dá por causa da fraqueza humana que assim os impede. E se Deus deixa visível tão grandes obras, quantas maiores são as que não estão visíveis. Poderia o homem através de seu raciocínio alcançar a compreensão da sabedoria divina?

Parece que não, visto que Montaigne vê os raciocínios humanos “inertes e estéreis”, isto é, do ponto de vista físico, contudo “na medida em que Deus, por meio de sua graça, lhes dá tal oportunidade e lhes determina o valor”, (MONTAIGNE, 1972, P. 212), ou seja, através da fé, os raciocínios deixam de serem impotentes, e ganham a graça divina de modo a tornarem-se úteis como a obra de Raimond Sebond.

A fé, colorindo e dando brilho aos argumentos de Sebond, dá-lhes consistência e solidez e os torna capazes de servir de guia a um neófito e conduzi-lo pelo caminho que leva ao conhecimento da verdade, moldando-o até certo ponto o predispondo a receber a graça de Deus que lhe fortalece a fé e a faz perfeita. (MONTAIGNE, 1972, P. 212)

De certo modo, os argumentos de Sebond, segundo os ateístas, são “argumentos fracos e de fácil refutação”, todavia, um homem letrado ao lê-los se afastou da incredulidade. Ou seja, ainda que os argumentos de Sebond fossem apenas fantasias, a piedade que lhe inspirou a escrever e foram de exímia ajuda para que um certo homem letrado permanecesse na fé. Então não são os argumentos que têm poder ou peso, mas a graça de Deus.

Os argumentos dos opositores de Sebond poderiam mostrar maior eficiência pelo uso da razão, mas não eram mais eficazes do que os de Sebond, e tão pouco lhes atribui menor valor. “De sorte que podemos dizer com razão aos seus adversários:” se tendes melhores argumentos, apresentai-os, se não, concordai”. (MONTAIGNE, 1972, P. 213)

Os ateístas julgavam os argumentos de Sebond fracos e insuficientes para provar o que queriam provar, contudo, Montaigne não fala se esses, além dessa objeção, apresentaram argumentos que rebateram as teses de Sebond, ora, é como se os ateus tivessem aberto uma discussão que não levaram ao fim.

Montaigne se propôs, em nome Raimond Sebond, refutar tal objeção. Porém, ele se colocou, ao contrário da primeira, contra os teólogos, pois esses ele disse responder com delicadeza e respeito, embora tenha sido inúmeras vezes severo e direto como bem se evidencia como traço de seu caráter. Quanto aos ateus ele prefere responder com mais severidade ainda, pelo fato dos ateus deturparem as palavras alheias com o objetivo de valorizarem as suas próprias.

Ainda que na refutação anterior, Montaigne tenha evidenciado falhas na igreja, ele não deixava sempre que oportunamente de defender a religião católica contra as armas humanas dos ateus, que ele tinha certeza, não atacariam se “ela lhes aparecesse em todo o seu esplendor, na plenitude da autoridade e do mando”. (MONTAIGNE, 1972, P. 213) Esses ateus a obedeceriam sem relutar. O meio que Montaigne empregou para rebater os ateus foi à razão. E se propôs a:

(...) humilhar e espezinhar o orgulho e a arrogância do homem, o de lhe fazer sentir sua inanidade, sua vaidade, seu vazio, de lhe arrancar das mãos as armas mesquinhas que lhe fornece a razão; de forçar a inclinar-se e beijar o chão ante a autoridade e imponência da divina majestade. (MONTAIGNE, 1972, P. 213)

O intuito de Montaigne era fazer, ainda que metaforicamente, os ateus beijarem o chão da igreja, como se assim se rendessem a “Divina Majestade” de Deus, pois só a Ele pertencem à ciência e a sabedoria. Logo, Deus não permite que ninguém se orgulhe senão Ele, “deitemos, pois, por terra nossa orgulhosa pretensão, ponto de partida da tirania que sobre nós exerce o diabo: Deus enfrenta os soberbos e perdoa os humildes” ( MONTAIGNE, 1972, P. 213). Por isso ainda que a pretensão de Montaigne se mostrou tanto presunçosa, ele procurou se redimir em sinal de humildade para não fugir as regras da doutrina religiosa. E conclui:

Por isso é de grande consolo para o cristão ver nossos instrumentos mortais e frágeis se adaptarem tão bem ao que exige nossa fé santa e divina, que, quando os utilizamos nos atos mortais e frágeis como eles próprios, não se revelam mais adequados nem mais poderosos. (Montaigne, 1972, P. 213)

Os incrédulos consideram falso tudo aquilo que a razão não pode provar nas crenças católicas, mas como a exemplo de Santo Agostinho, Montaigne utiliza-se de exemplos conhecidos, o qual o próprio homem não consegue explicar, para demonstrar a debilidade da razão, os seus pontos fracos e a sua cegueira, visto que “o fácil e o difícil são para ela uma só coisa”, não podendo a razão julgar com competência todos os assuntos que a ela se apresenta, pois a sabedoria que tudo pode compreender e dar resposta esta é de Deus.

Por isso Montaigne considerou o homem: “isolado, abandonado a si próprio, armado unicamente de graça e conhecimento de Deus, o que constitui sua honra e toda a sua força, e o fundamento de seu ser, e vejamos do que é capaz com esse equipamento”. (Montaigne, 1972, p. 213)

Ora, se o homem olha para o mundo, percebe tudo o que existe, a majestade do céu, estrelas, percebe que as coisas que existem são para a sua utilidade, mas também percebe que além de viver e desfrutar de tudo o que existe e julgar ser para o seu bel prazer, vive a mercê de desastres e acontecimentos casuais, e é incapaz de explicar as coisas todas que vê, até os fundamentos de seu ser, como pode então sem conhecer o mínimo alcançar o máximo por si mesmo?

Mesmo olhando para o mundo e observando as grandes criações que existem, o homem não é capaz de explicá-las racionalmente, tão pouco é capaz de evitar as grandes tragédias, pois, nada está verdadeiramente em suas mãos. Mas por arrogância mesmo assim não procura olhar para o grande arquiteto, (Deus) o qual criou todas essas coisas, e ao invés, exalta a sua própria razão.

Por essa presunção Montaigne, sabe que o homem mesmo pela imaginação pensa igualar-se a Deus, e por conta própria subestima até os animais, os julgando estúpidos, embora não conheçam os interiores deles. Como pode o homem conhecer coisas tão secretas se não foi o construtor? Comprova isto quando diz: “quando brinco com minha gata, sei lá se ela não se diverte mais do que eu?” (MONTAIGNE, 1972, p. 215)

Nesse contexto Montaigne apresenta inúmeros exemplos de diversas épocas para elucidar algumas semelhanças existentes nos animais, e citando Lucrécio que observou que os animais domésticos, como os bichos ferozes, emitem sons diferentes segundo o medo, a dor ou o prazer que sentem, os animais embora não tenham voz se comunicam com gestos, assim como também as crianças, se fazem entender, o mesmo acontece com os mudos e com os amorosos que se comunicam com gestos e com o olhar, é como se tudo o que existisse em nós

tivesse o poder de se comunicar com o outro. E quem é responsável por todas essas maravilhas, o homem e a sua razão? Ou algo que vai além dos raciocínios humanos?

Segundo Montaigne o que o homem tirou de sua busca foi apenas à certeza de sua impotência, o que o homem alcança quando se contra põe aos animais, e a bondade divina é a sua própria ignorância.

A objeção contra os argumentos de Sebond mostra apenas a incapacidade dos ateus de conseguirem argumentos melhores, pois o próprio raciocínio lhes limita irem além. Após as evidências que Montaigne apresentou, ele esperava uma mudança de opinião dos objetores: “Aconteceu aos verdadeiros sábios o que se verifica com as espigas de trigo, as quais se erguem orgulhosamente enquanto vazias, e quando se enchem e amadurecem o grão se inclinam e dobram humildemente”. (MONTAIGNE, 1972, p. 236)

Assim fazendo essa analogia Montaigne buscava mostrar aos ateus que sinal de sabedoria era a humildade, como ensinava a natureza.

A apologia de Raimond Sebond foi uma oportunidade encontrada por Montaigne para defender a igreja católica, contra os ataques dos ateus por causa da vulnerabilidade que a fé estava passando por conta da Reforma protestante. Minha hipótese é de que enquanto Montaigne supostamente defendia Sebond, escrevia a sua própria obra contra os ateus.

#### **Referências Bibliográficas**

EVA, Luiz Antônio Alves. *O Fideísmo Cético de Montaigne*. Kriterion, Revista de filosofia v. I Belo Horizonte – 1947.

EVA, Luiz Antônio Alves. *O Ensaio como Ceticismo*. Manuscrito, Unicamp – 2001.

#### **Livro**

LIMA, Luiz Costa. *Limites da Voz: Montaigne*, Schlegel. Ed. Rocco. Rio de Janeiro – 1993.

#### **Livro**

MONTAIGNE, Michel. *Ensaio: Raimond Sebond*. Tradução de Sergio Milliet. Ed. Victor Civita. Editora: Abril Cultural. Primeira Edição – São Paulo 1972. (Os Pensadores)